

Cazumbá: História e memória no Recôncavo Baiano(1888-1950)

José Bento Rosa da Silva¹

O interesse pela investigação acerca da família Cazumbá do Recôncavo Baiano se deu numa conversa com a professora Jacimara Souza Santana, que eu havia conhecido recentemente num congresso de estudos africanos em Lisboa². Na verdade falávamos sobre o que Petronilha Beatriz denominou de ‘africanidades brasileiras’³, por sermos professores de História da África e de História. Reproduzo aqui um fragmento de nossa conversa, ou de como ela manifestou suas impressões acerca do termo Cazumbá:

“A primeira vez que a palavra Cazumbá ressoou aos meus ouvidos eu tive a desconfiança e ao mesmo tempo a certeza de que se tratava de um termo africano e ali se apresentava para mim como o sobrenome de uma pessoa negra.

Esta constatação me causou tanta alegria e curiosidade que me fez realizar perguntas e comentários de forma tanto compulsiva: ‘- Cazumbá! Nome forte, bonito. Você sabe o que significa este nome?’ Em resposta a pessoa manifestou silêncio, um tanto surpreso com a minha recepção relacionada a seu sobrenome, mas não soube me comentar nada sobre o termo. Eu guardei aquele nome.

Anos depois no bairro Cabula, em Salvador, conheci outra pessoa cujo sobrenome era também Cazumbá. Ao contrário do primeiro que havia ficado intrigado com meu interesse pelo seu sobrenome; este afirmou categoricamente: ‘- eu não gosto

¹ Professor Adjunto 1 na Universidade Federal de Pernambuco, investigador do Centro De estudos Africanos da Universidade do Porto- CEAUP e pesquisador no Núcleo de estudos das Relações Interétnicas- NUER/UFSC.

² Refiro-me ao VII Congresso de Estudos Ibéricos E Africanos, realizado na Universidade de Lisboa no período de 7 a 11 de setembro de 2010.

³ Diz ela: “ ao dizer africanidades brasileiras estamos nos referindo às raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Dizendo de outra forma, estamos de um lado, nos referindo aos modos de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprios dos negros brasileiros, e de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia”. SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem E Ensino Das Africanidades Brasileiras. In.MUNANGA, Kabenguele. Superando O Racismo Na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001,p.151.

desse nome, lembro-me que na escola os meus colegas ficavam me chamando de macumbeiro'. Em seguida disse-me que em São Gonçalo dos Campos havia muitas pessoas com este sobrenome, inclusive uma avenida denominada Cazumbá”⁴.

Essa conversa resultou numa ampla proposta de pesquisa acerca do tema, da qual temos nos dedicado e este artigo é fruto disso.

Um levantamento preliminar acerca do termo Cazumbá: Nei Lopes, disse tratar-se de máscaras de origem africana, encontrada em autos populares; e mais, identificou uma liderança da Confederação do Equador que tinha como alcunha Cazumbá⁵. Melo Moraes Filho, Sílvio Romero e Clovis Moura identificaram Cazumbá como um personagem, ex-escravo, relacionado com o não menos conhecido na tradição oral⁶ e contos populares do Recôncavo Baiano, o Lucas da Feira⁷. Yeda Pessoa de Castro que estudou falares africanos na Bahia, aponta que para um substantivo masculino, de origem bantu, que na Bahia é sobrenome de pessoa e foi nome de engenho no Recôncavo⁸.

Minha inquietação fez com que eu procurasse o professor Fernando Wilson Sabonete⁹, natural de Angola, da etnia Nhaneka-humbi, que me deu a seguinte explicação:

“Kazumbá, Kazumba ou ainda Zumba; existem nomes em Angola, no sul temos muitas pessoas com esse nome[...] a sua pergunta seria se é nome próprio ou sobrenome[...]? Em primeiro lugar os nomes e sobrenomes se confundem muito em

⁴ Este depoimento foi elaborado pela professora Jacimara Souza Santana, a meu pedido, quando me interessei em produzir uma comunicação para o XXVI Simpósio Nacional De História, a ser realizado em São Paulo, no período de 17 a 22 de julho de 2011.

⁵ LOPES, Nei. Novo Dicionário Banto Do Brasil. RJ: Pallas, 2003, p.76; LOPES, Nei. Enciclopédia Brasileira Da Diáspora Africana. SP: Selo Negro, 2004, p.180.

⁶ Com relação a categoria tradição oral. Ver. MEIHY, José Carlos Sebe., Manual De História Oral. RJ: Loyola, 2000, 3ª. Ed.

⁷ ROMERO, Sílvio. Folclore Brasileiro 1 – Contos Populares Do Brasil. RJ: Livraria José Olympio, 1954; MORAIS FILHO, Melo. Festas E Tradições Populares Do Brasil. Brasília: Senado Federal (Coleção Biblioteca Básica Brasileira) 2002; MOURA, Clóvis. Dicionário da escravidão Negra No Brasil. SP: Edusp., 2004.

⁸ CASTRO, Yeda Pessoa de. Falares Africanos Na Bahia. RJ: Topbooks, 2001.

⁹ Licenciado em Letras pela Universidade Salgado de Oliveira, bacharelado em Teologia pelo Seminário Teológico na Suíça e convalidado pela Faculdade Integral de Teologia de Recife, especialista em Psicopedagogia, mestrado e doutorando em Antropologia pela UFPE.

Angola, eu tenho certeza que Zumba pode ser nome próprio ou sobrenome de alguém, o que difere em Angola por vezes[é o] grau, por exemplos: em todas línguas bantas, a palavra que leva o prefixo [ka] Ka-zumba igual o grau diminutivo. O pai no caso têm o nome de Zumba grau superlativo, e essa é primeira confusão, e a segunda é de não termos regra de nomes e sobrenomes em Angola. E agora o a letra [k] foi substituída por portugueses [c] e naturalmente foi evoluída para acento. Normalmente esse nome é comum na etnia Chokwe, Ganguela e Nhemba, e os chokwes são famosos nos rituais e máscaras, Zumba também está relacionado à divindade[...]¹⁰.

A existência de famílias com sobrenome Cazumbá atualmente em regiões da África, sobretudo na região de Angola e Moçambique, fez com que nos lembrássemos de um depoimento de Maria da Invenção Cazumbá¹¹, mais conhecida como Martina da Boa Morte, por ser uma das lideranças da centenária Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte de São Gonçalo dos Campos. Ela disse-nos que durante a festa da Irmandade do ano de 2010, teria vindo dentre os visitantes, uma senhora africana, juntamente com membros da Academia de Letras de Salvador. Disse ainda que esta senhora voltaria na festa do ano seguinte (2011) com ‘um bocado de Cazumbá da África, para assistir a festa’. A festa acontece na segunda semana de agosto. Pretendemos participar da referida festa do corrente ano.

Pois bem, estas investigações referentes ao termo foram feitas após uma visita à cidade de São Gonçalo dos Campos nos meses de janeiro e fevereiro de 2011, a fim de fazermos um levantamento preliminar sobre o tema em questão. Foi uma visita reveladora: ao desembarcarmos do ônibus buscamos informações sobre a Avenida Cazumbá, com um comissário de menores que por ali circulava. Ele indicou-nos a avenida, próxima à estação rodoviária, posteriormente viemos, a saber, que ele era um Cazumbá, apesar de ter dito, - quando interrogado sobre a família -, que não sabia muito sobre, indicando-nos a residência de Dona Judith, a referência que tínhamos.

¹⁰ Informações cedidas por Fernando Wilson Sabonete em 21 de fevereiro de 2011 por e-mail.

¹¹ Sobre a Irmandade da Boa Morte de São Gonçalo dos Campos. Ver. LESSA, Luciana Falcão. Senhoras Do Cajado: Um Estudo Sobre A Irmandade Da Boa Morte De São Gonçalo Dos Campos. Salvador: UFBA, 2005(Dissertação de Mestrado em História)

Descobrimos uma rede de informações sobre a família, enquanto estávamos nas ruas buscando pistas da família Cazumbá. Vivenciamos a experiência de Sherlock Holmes, ou para ficarmos restritos ao campo do fazer história, nosso métier, nos inspiramos no método Zadig, sugerido por Sidney Chaloub, na introdução da obra *Visões da Liberdade*, onde ele investigou os últimos anos da escravidão na Corte, a atual cidade do Rio de Janeiro. Cada informação sobre a família era preciosa, anotada na caderneta de campo e posteriormente analisada, contextualizada, cotejada com o encontrado nos cartórios. Por exemplo, uma funcionária do Fórum, quando soube do nosso interesse, disse-nos: ‘O sobrenome Cazumbá em São Gonçalo é pomposo, vale mais do que dinheiro’. Aliás, as informações apontavam para uma distinção da família Cazumbá em relação aos demais descendentes de africanos residentes na cidade.

Os inventários, registros de compra e venda de imóveis e a tradição oral, tanto quanto as memórias, indicavam que a família Cazumbá até meados dos anos cinquenta era proprietária de terras na localidade denominada Cruz, nome de um dos bairros da cidade e que após este período, seu patrimônio foi sendo vilipendiado. Mas observando mais atentamente, notamos que o processo deu-se já com a morte de João Cardozo Cazumbá, o que até o momento parece-nos ser o ‘tronco’ ou o ancestral desta família extensa.

Em 1879, João Cardozo em parceria com Manoel Ferreira de Cerqueira compraram do major Francisco Antônio de Carvalho, uma fazenda, com benfeitorias, “antigamente denominada Várzea e hoje, Sobrado, pela quantia de um conto e oitocentos mil réis”. Segundo o documento de compra e venda, esta propriedade havia sido adquirida pelo major, em virtude da dívida que o finado comendador Antônio Lopes Ferreira e Souza tinha com o referido major. As terras faziam divisa ao sul, com a propriedade de João Maya Machado; pelo oeste com terras que eram do padre Gonçalo de Souza¹², e pelo leste e norte com terras de Estevão Machado¹³. Tais terras hoje localizadas na localidade denominada Cruz ou Cruzeiro, próxima da rodovia que

¹² Na relação dos padres que foram vigários na Igreja de São Gonçalo do Amarante (fundada em 1696) não identificamos o nome do padre Gonçalo de Souza, mas o do padre Gonçalo Martinho Falcão (1787)

¹³ Tabelionato De Notas Com Funções De Protesto De São Gonçalo Dos Campos. Livro n. 02. Ano 1879- 1881. Folhas 10v-11.

liga à cidade de Cachoeira, antiga estrada real, por ali haver passado o Imperador Pedro II, quando de sua visita à região. Terras estas que foram herdadas pelos filhos de João Cardozo Cazumbá, por volta de 1903, e que seriam objeto de controvérsias entre os herdeiros Cazumbá e os vizinhos, tais como Odilon Borges Falcão.

Este mesmo Cazumbá, ao que nos parece não estava sob o julgo da escravidão, adquiriu de Dona Anna Joaquina Ferreira de Cerqueira, em 1885, pelo preço de trezentos e cinquenta réis, “o escravo João, preto, de idade de 19 anos mais ou menos, solteiro, serviços da lavoura”¹⁴. Talvez João Cardozo fosse um livre ou um liberto, mas a inquietação que fica é: por quais razões teria comprado as terras em parceria com um Cerqueira? E mais, esta Anna Joaquina Ferreira de Cerqueira seria parenta do que havia comprado as terras em parceria com João? Uma coisa é certa, hoje encontramos famílias negras com sobrenome Cerqueira na região¹⁵, possivelmente descendentes dos antigos escravos dos Cerqueira.

Comprando um escravo, João Cardozo Cazumbá, mesmo sendo de origem africana, diferenciava-se dos da mesma origem, mas que estavam na condição de escravos; mesmo das dos libertos, mas que não tinham posses, pois não bastava ser liberto, ou livre, era preciso aparentar ser, como frisou a historiadora Sandra Sofia Machado Koutsoukos¹⁶, ou falar do valor da imagem e da aparência dos descendentes de africanos, na segunda metade do século XIX.

Quem era mesmo este João Cardozo Cazumbá? Até o presente momento sabemos, além dos bens que adquiriu, como se viu acima, que ele era solteiro, que tivera com Rita, escrava de Antônio Gonçalves de Oliveira os seguintes filhos: Marcolino, Gonçalo, Vicente, Francisco, Manoel, Joana, Joaquina e Claudina. Filhos estes que só foram reconhecidos pelo progenitor em abril do ano de 1888, praticamente um mês

¹⁴ Tabelionato De Notas Com Funções De Protesto De São Gonçalo Dos Campos. Livro n. 04. Ano 1883- 1886. Folhas 74.

¹⁵ Anagildo Cerqueira, por exemplo, afrodescendente é casado com Maria de Loudes Cazumbá. Segundo o professor e pesquisador Edivaldo Silva Daltro, há na cidade ‘sobrenomes verdadeiros e falsos’, - na expressão dele -, pois que no processo de alforria, muitos ex-escravos ‘adotaram’ o sobrenome dos ex-senhores. É o caso dos afrodescendentes Cerqueira, Pedreira, etc...

¹⁶ KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. O valor da aparência. In. FIGUEIREDO, Luciano (Org.) A Era da escravidão. RJ: Sabin, 2009(Coleção de História de Bolso, n. 03)

antes da abolição formal da escravidão¹⁷. Nesta época, Gonçalo Cardozo Cazumbá, o segundo filho de João, contava com aproximadamente 30 anos. Não sabemos se após reconhecer os filhos, João Cardozo tenha vivido maritalmente com Rita, mas no registro de Gonçalo, constava que sua mãe, era Rita Gonçalves Cazumbá, portanto deixara de ser Rita Gonçalves de Oliveira, nome que adquirira quando da alforria, e passara a ser uma Cazumbá, talvez em virtude do reconhecimento dos filhos.

Os documentos que manuseamos no Arquivo do Cartório Civil e Criminal, no Fórum Ministro João Mendes em São Gonçalo dos Campos, estavam em condições deploráveis, enquanto lá estivemos travamos uma luta constantes com os destruidores dos acervos históricos: ácaros, fungos, traças, cupins e seus asseclas. A situação deste Arquivo reflete o descaso por que passam os Arquivos Públicos deste país, sobretudo nas cidades do interior. Mas apesar de tudo, conseguimos saber um pouco da família Cazumbá, através dos documentos já mencionados anteriormente, como se verá a seguir. Mais do que nunca, diante da fragilidade e das lacunas ocasionadas pela fome insaciável dos já mencionados insetos, tivemos que montar o quebra-cabeça das peças processuais, visando construir possibilidades interpretativas.

Vejamos o que foi possível saber acerca da família Cazumbá, a partir dos mutilados documentos. Um dos documentos preliminarmente manuseados foi o inventário de Gonçalo Cardozo Cazumbá, do ano de 1946, cujo inventariante era um dos seus filhos, Manoel Sobrinho Cazumbá. Gonçalo, como fizera seu pai, João Cardozo Cazumbá, tivera filhos naturais, que foram reconhecidos posteriormente. No caso de Gonçalo, os filhos foram reconhecidos pelo processo de perfilhação na segunda década do século XX, entre 1915 e 1917. Os filhos reconhecidos por Gonçalo, que na época tinha por volta de trinta anos de idade, foram: Manoel, Silvino, João, Carolina, Demétrio, Cecília, Plácida, Joanna, Maria e Lucinda. Mas este documento ainda não foi analisado o suficiente para que dele possamos fazer alguma análise mais consistente.

Manoel Cazumbá Sobrinho, inventariante de seu pai Gonçalo, através do seu procurador, o advogado João Amaro Coelho, declarou que o falecimento do pai ocorrera em 09 de agosto de 1945, com a idade de noventa e um anos de idade,

¹⁷ Tabelionato De Notas Com Funções De Protesto De São Gonçalo Dos Campos. Livro n. 08. Ano 1887- 1891. (Certidão de Perfilhação) Folhas 74.

“deixando filhos e bens , querendo inventariar o acervo existente, constante das terras e benfeitorias [da fazenda] denominada ‘Cruz’, situada neste termo e que presentemente acha-se em demanda sobre o influxo de uma ação de divisão[...]”¹⁸.

Esta demanda consistia na questão seguinte: havia uma escritura delimitando as divisas das terras de João Cardozo Cazumbá, pai de Manoel e seus vizinhos. Uma certidão de 1903, inserida como uma peça no processo de inventário, mostra que em 1903, as terras dos descendentes de João Cardozo Cazumbá já eram questionadas pelos vizinhos, entre eles Odilon Borges Falcão. Do mesmo documento depreende que os Cazumbá acabaram fazendo acordo, para que tal demanda tivesse fim. Mas analisando os traçados da planta original das fazendas e das demarcações em litígio, vê-se que os irmãos Cazumbá, acabaram fazendo acordo com Odilon Borges e outros vizinhos , mesmo perdendo parte de uma lagoa denominada Tanquinho , e do acesso ao rio Jacuhybe. Pergunta-se: em que condições foram feitos estes acordos? Uma coisa parece certa, com a morte do ‘tronco’ ou ancestral, os Cazumbá começaram a perder parte do território adquirido João Cardozo Cazumbá. Buscaremos desvendar os motivos deste processo que ao nosso ver acelerou-se na década de cinquenta do séculoXX.

“No passado os Cazumbá tinham muitas terras por aqui, até alguns deles tiveram que comprar novamente terras que já fora deles”, confessou uma senhora que mora na localidade denominada Cruz ou Cruzeiro, território que no passado era dos Cazumbá. Que os Cazumbá foram pessoas de posses no passado em São Gonçalo dos Campos, ninguém nega, a pergunta que fica é: por quais razões este patrimônio foi sendo vilipendiado? Apesar disso a altivez é ainda uma marca Cazumbá, como apontam os depoimentos preliminares acerca do grupo, feito por membros ligados ao grupo e por outras não pertencentes. Expressões tais: “aquela Cazumbá que trabalha no Fórum de São Gonçalo parece uma rainha de Sabá”¹⁹. Ou ainda, “hoje se eles são pobres, mas são pessoas de prestígio, com orgulho de serem Cazumbá”.

¹⁸ Inventário de Gonçalo Cardozo Cazumbá, por seu filho, Manoel Cazumbá Sobrinho. Ano. 1946. Número 25, da relação dos inventários e arrolamentos julgados a partir de 1860.

Uma advertência: nem sempre o número da relação coincide com o dos processos empilhados desordenadamente no Arquivo.

¹⁹ Comentário para caracterizar o comportamento de Maria de Lourdes Cazumbá, titular do Cartório de Registro Civil de São Gonçalo.

Dona Martina, por exemplo, casada com um Cazumbá, lembrou que :

“Na família Cazumbá, tem padre, advogado, vereador, professor... tem tudo”. Que no princípio os Cazumbá eram ricos depois é que foram morrendo, foram perdendo... Acrescenta: “aqui tem uma avenida que é o nome Cazumbá, porque estas terras eram todas deles . Tinha um que era tão orgulhoso que a roupa dele só era lavada com sabonete, era o Fafá Cazumbá , era filho da Lélia Cazumbá. Dizem que ele morreu intoxicado por perfume... Lélia era uma morena clara, bonita, muito orgulhosa, nos dedos dela só se via anéis e ouro. Eu a conheci, eu deveria ter uns quinze anos de idade, mais ou menos. Os negros Cazumbá eram todos arrumados... eu casei com Mathias Cazumbá, o pai dele era Manoel Cazumbá. Meu sogro mesmo tinha fazenda, gado, porco, galinhas, terras[...] Naquele tempo Cazumbá andava de linho branco, sapato branco no pé, como doutores... Acabou-se os Cazumbá mais velhos, jogaram tudo fora, acabou-se tudo...”²⁰

Dona Martina faz uma comparação entre a festa da Nossa senhora da Boa Morte do passado e do presente, uma nostalgia faz com que ela afirme que no passado era melhor, apesar das dificuldades. Lembrou de vários momentos das festas passadas: as vestimentas, as festas regadas à bebida farta e à comida. E conclui-se que hoje se tem fartura, mas não se tem festa como no passado. As festas mesmo eram mais de uma semana, hoje é apenas três dias. Segundo ela, entre os músicos da festa havia muitos Cazumbá, o samba virava noites... Pelo que se depreende da fala de Martina, as religiões de matriz africana era uma constante no âmbito da festa da Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte, ao menos na residência dos Cazumbá, nos momentos da preparação do ritual. “Fazia-se a matança em casa mesmo, não iam ao terreiro não! Meu sogro e minha sogra mesmo faziam na casa deles. A festa de Ogum mesmo!”

Edivaldo da Silva Daltro²¹, contou-nos uma versão sobre a origem dos Cazumbá. Segundo ele, um padre havia criado uma criança negra que tinha este sobrenome. Disse

²⁰ Entrevista com Maria da Invenção Cazumbá, 78 anos , 27/02/2011. Realizada por: José bento Rosa da Silva e Jacimara Souza Santana.

²¹ Edivaldo da Silva Daltro ,69 anos, professor aposentado, hoje é proprietário de uma papelaria. Foi Secretário de Educação de São Gonçalo dos Campos. É um pesquisador sobre a História de São Gonçalo, sobretudo com relação ao padroeiro, São Gonçalo do Amarante.

Entrevista realizada em 01.02.2011, por José Bento Rosa da Silva e Jacimara Souza Santana.

ainda que tem uma outra versão, de um Cazumbá justiceiro, que não gostava de injustiça, assim como era o Lucas da Feira, muito presente nos contos populares da região do Recôncavo Baiano²².

A antiga rua São Benedito, hoje rua Cônego Galdino, é um dos acessos para a antiga fazenda Cruz, que foi propriedade dos Cazumbá, era nesta rua em que estava localizada a Irmandade de São Benedito, da qual fazia parte muitos negros da cidade, segundo Edivaldo. Estes negros eram em sua maioria os ‘que trabalhavam com as artes²³’, tais como: pedreiros, marceneiros, carpinteiros, etc. Podemos dizer que esta rua era, um território negro, uma extensão da fazenda Cruz, nela moravam muitos Cazumbá, inclusive a família de Maria de Lourdes Cazumbá, funcionária do Fórum de São Gonçalo. Eles eram também da Irmandade de São Benedito.

Semelhante a outros moradores entrevistados, Daltro se lembrou dos Cazumbá, inclusive de Lélia Cazumbá:

“Eu era garoto, tinha mais ou menos quinze anos de idade, lembro de quando Dona Lélia passava na rua, era uma atração, todo mundo admirava. Era muito bonita, tinha uma altivez... Era muito respeitada, era uma negra, mas muito respeitada. Tinha um chácara nas proximidades de onde hoje é o estádio de futebol [...]. Os Cazumbá sempre foram pessoas muito consideradas em São Gonçalo: bancários, advogados, professores. Tinha uma escola de alfabetização na rua São Benedito que era dos Cazumbá. Quando eu fui secretário de Educação, tinha muitos professores Cazumbá”²⁴.

No dia três de fevereiro de 2011, fomos visitar a localidade Cruz, conversamos com “Vó Carmó”²⁵ e com o comerciante Edson Machados dos Santos. Edson é proprietário de um bar próximo ao campo de futebol da localidade, é neto de “Carmó”. Carmosina nos disse que conheceu muito o falecido João Cazumbá, que era o

²² Sobre o Lucas da Feira. Ver. LIMA, Zélia de Jesus de. Lucas Evangelista: O Lucas da Feira – Estudos Sobre A Rebelião Escrava Em Feira De Santana (1807-1849). Salvador: UFBA, 1990(Dissertação de Mestrado em História)

²³ A expressão é do próprio entrevistado.

²⁴ Entrevista com Edivaldo da Silva Daltro.Op. cit.

²⁵ Carmosina Brites de Oliveira, com aproximadamente 70 anos de idade.

proprietário de uma fazenda na localidade, aliás, não só o conheceu, como foi comadre dele, pois que batizou um dos filhos do velho João. Tanto “Vó Carmó” quanto seu neto Edson, lembraram que ‘veio um espanhol e comprou as terras que era de João Cazumbá, mas que depois os Cazumbá conseguiram comprar novamente’. Carmosina acrescentou que: ‘João Cazumbá fazia farinha, trabalhava na roça... lembra do velho desde que tinha sete anos de idade, mais ou menos, e que Cazumbá é um dos povos mais antigos da localidade, moravam no Sobradinho, localidade próxima’²⁶.

O depoimento acima aponta para a questão do litígio das terras no passado, como tivemos oportunidade de evidenciar no documento anteriormente, mas que ainda requer uma análise e pesquisa mais aprofundada, pois que estamos no início das investigações. Mas uma coisa é certa, existe muita nebulosidade encobrendo a história da família extensa Cazumbá, originária de São Gonçalo dos Campos, desde a segunda metade do século XIX. Entendemos que a investigação dos documentos cartoriais, a tradição oral e outras fontes ajudarão no desvelamento da trajetória deste grupo que é tido por muitos como uma ‘família de negros distintos’ na cidade, malgrado o preconceito, discriminação e racismo pelo qual passaram e passam os descendentes de africanos no Brasil, devido ao passado relacionado com a escravidão.

Talvez nossa pesquisa possa ajudar o grupo a localizar-se no presente, a partir das experiências vividas pelos seus antepassados. Neste sentido pretendemos ajudar na desconstrução da obra da escravidão, o que a lei de 13 de maio de 1888 não teve a pretensão de fazer. Lembrando Joaquim Nabuco: “não basta acabar com a escravidão, é preciso destruir a obra da escravidão”. Esta é a nossa pretensão.

Referências:

1. Fontes primárias:

- Fórum Ministro João Mendes - Tabelionato De Notas Com Funções De Protesto De São Gonçalo Dos Campos. Livro n. 02. Ano 1879- 1881.

- Fórum Ministro João Mendes - Tabelionato De Notas Com Funções De Protesto De São Gonçalo Dos Campos. Livro n. 04. Ano 1883- 1886.

²⁶ A fazenda Sobrado foi comprada por João Cardozo Cazumbá e Manoel Ferreira Cerqueira, em 1789, como se viu acima.

- Fórum Ministro João Mendes - Tabelionato De Notas Com Funções De Protesto De São Gonçalo Dos Campos. Livro n. 08. Ano 1887- 1891. (Certidão de Perfilhação)

- Fórum Ministro João Mendes - Arquivo do Cartório Civil .Inventário de Gonçalo Cardozo Cazumbá, por seu filho, Manoel Cazumbá Sobrinho. Ano. 1946.

2. Livros e dissertações:

CASTRO, Yeda Pessoa de.Falares Africanos Na Bahia. RJ: Topbooks, 2001.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. O valor da aparência. In. FIGUEIREDO, Luciano (Org.) A Era da escravidão. RJ: Sabin, 2009(Coleção de História de Bolso, n. 03).

LESSA, Luciana Falcão. Senhoras Do Cajado: Um Estudo Sobre A Irmandade Da Boa Morte De São Gonçalo Dos Campos. Salvador: UFBA, 2005(Dissertação de Mestrado em História)

LESSA, Luciana Falcão. Senhoras Do Cajado: Um Estudo Sobre A Irmandade Da Boa Morte De São Gonçalo Dos Campos. Salvador: UFBA, 2005(Dissertação de Mestrado em História)

LOPES, Nei. Novo Dicionário Banto Do Brasil. RJ:Pallas, 2003,p.76; LOPES, Nei.Enciclopédia Brasileira Da Diáspora Africana. SP: Selo Negro, 2004,p180.

MEIHY, José Carlos Sebe., Manual De História Oral. RJ: Loyola, 2000,3ª.Ed.

MORAIS FILHO, Melo. Festas E Tradições Populares Do Brasil. Brasília: Senado Federal(Coleção Biblioteca Básica Brasileira) 2002.

MOURA, Clóvis. Dicionário da escravidão Negra No Brasil. SP: Edusp., 2004.

ROMERO, Sílvio. Folclore Brasileiro 1 – Contos Populares Do Brasil. RJ: Livraria José Olympio, 1954..

MOURA, Clóvis. Dicionário da escravidão Negra No Brasil. SP: Edusp., 2004.

MUNANGA, Kabenguele. Superando O Racismo Na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

3. Entrevistas:

Entrevista com Edivaldo da Silva Daltro ,69 anos, professor aposentado. Realizada em 01.02.2011, por José Bento Rosa da Silva e Jacimara Souza Santana

Entrevista com Maria da Invenção Cazumbá, 78 anos , 27/02/2011. Realizada por: José bento Rosa da Silva e Jacimara Souza Santana.

Conversa com Carmosina Brites de Oliveira, com aproximadamente 70 anos de idade e seu neto Edson Machado dos Santos.